

Notícias de Guimarães

ANO 19.º N.º 976
 GUIMARÃES, 1 de Outubro de 1950
 Redacção e Edm., R. da Rainha, 56-M Tel., 4313
 Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4581
 VISADO PELA CENSURA
 — AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

OS CHEFES do Estado Espanhol e do Governo Português VISITARAM GUIMARÃES

Após a conferência realizada na Galiza entre o Generalíssimo Franco e o Professor dr. Oliveira Salazar os dois Chefes estiveram no Norte do nosso País visitando o Porto, Guimarães e Braga e seguindo depois para Monção e Valença, regressando o Chefe de Estado Espanhol ao seu País, depois de ter tido uma afectuosa despedida.

Franco e Salazar chegaram a Guimarães por volta das 17 horas de quarta-feira.

Os dois Estadistas eram acompanhados pelas seguintes individualidades:

D. António Martin Artajo, Ministro das Relações Exteriores de Espanha; D. Fernando Fuertes, Intendente Militar da Casa Militar do Generalíssimo; Coronel Luís Peral, Chefe do Estado Maior de Espanha; D. José Arise, Director Geral dos Negócios Políticos; General Martin Aldes, Ajudante de Campo do Generalíssimo; D. Nicolau Franco, Embaixador de Espanha em Lisboa; Tenente-Coronel Santos Costa, Ministro da Defesa de Portugal; Embaixador Dr. António Carneiro Pacheco; Consul Geral de Espanha no Porto, General Manuel Couto Junior, Comandante da 1.ª Região Militar; Cap. António Graça, Director; Delegado da Polícia Internacional e de Defesa do Estado; Governador Civil do Porto, Presidente da Câmara Municipal da mesma cidade, etc..

Junto ao Paço dos Duques de Bragança aguardavam os ilustres visitantes os srs. João M. Rodrigues Martins da Costa, Presidente da Câmara e Alfredo Guimarães, Director do Museu Alberto Sampaio, que lhes apresentaram cumprimentos.

Efectuou-se então uma rápida visita ao Paço dos Duques, ao Castelo e à Igreja de S. Miguel do Castelo, no decorrer da qual o sr. Presidente do Conselho recordou as memoráveis comemorações centenárias da fundação que ali mesmo se celebraram em 1940.

Pouco passava das 17,30 horas quando a caravana se pôs novamente em marcha, ouvindo-se à partida do carro dos dois estadistas uma salva de palmas das pessoas que no local se foram juntando.

Durante a estada do Generalíssimo e de Salazar na varanda interior do primeiro andar dos Paços dos Duques de Bragança, voltada para o pátio, Salazar perguntou, dirigindo-se a Alfredo Guimarães: — Não andam obras aqui? — Como disse na minha última carta para V. Ex.ª, as obras dos Paços suspenderam no Natal de 1947, para não mais continuarem... segundo se vê.

— Mas têm tido dotação todos os anos!

— Não há dúvida, mas as dotações não chegaram cá. É oportuno dizer a V. Ex.ª que a conclusão do restauro destes Paços é uma das maiores aspirações do povo de Guimarães. Ele recebeu com grande alegria a notícia da promessa que V. Ex.ª me fez quando aqui o trouxe, fez ontem 17 anos. Porém, agora, sente-se desanimado, sobretudo porque, como povo que muito e muito trabalha, sabe que o merecia.

Salazar fez então um gesto que significava que ia ver como essas coisas se davam...

Quando Alfredo Guimarães descrevia o Paço, sob o ponto de vista



Os dois Estadistas após a visita ao Castelo da Fundação
 (Cliché gentilmente oferecido pela Foto-Beleza)

arquitectónico, ao Generalíssimo, e se referiu à instalação ali do Museu de Alberto Sampaio. Salazar comentou dirigindo-se ao Chefe de Estado da Espanha:

— Este homem fez um Museu interessantíssimo lá em baixo, no Claustro da Colegiada, e insiste em o trazer para este casarão...

— Não é tão grande como parece. As paredes têm um metro de espessura, e se o Museu principiou com 66 peças dignas de exposição, o certo é que já tem, actualmente, mais de mil.

E Salazar, sorrindo para o Generalíssimo, acrescentou:

— Os directores dos museus são autênticos obsecados. Todos. E' este, é o do Prado, o do Louvre... Todos. Bem, veremos como há-de ser isso.

Desde que Salazar começou a subir, ao lado do Generalíssimo, a escada do Parque do Castelo, frente da igreja de S. Miguel, o Chefe do Governo português iniciou um elogio entusiástico à cidade e à população de Guimarães, considerando-os dignos da mais

alta consideração. Depois evocou as celebrações centenárias nesta cidade, que disse terem sido as mais belas de Portugal. E como Alfredo Guimarães evocasse o Cortejo das Flores e a Missa Campal, Salazar respondeu, dizendo: — Um dia que oxalá se pudesse repetir, mas não me parece que tal possa acontecer!

FESTAS DA CIDADE

A Câmara Municipal de Guimarães em sua sessão ordinária do dia 7 de Setembro resolveu exarar na acta um voto de louvor à Comissão Executiva das Festas da Cidade, pelo brilhantismo que imprimiu às Gualterianas no corrente ano.

Confie os seus trabalhos à Tipografia IDEAL, na certeza de uma distinta apresentação gráfica. Tel. 4381.

ROSA-CHÁ

Eu tive outr'ora, rosas num canteiro,
 De fina espécie, que melhor não há,
 Nem nos mercados ricos do estrangeiro,
 Nem no palácio de qualquer rajá.

Atento, em volta delas logo e já,
 Amava-as todas como bom floreiro;
 Mas uma me atraía, a rosa-chá,
 Pelo subtil agrado de seu cheiro.

À luz do sol, brilhando em furta-cores,
 Brancas, rajadas, roxas, amarelas,
 Vermelhas como o sangue de Jesus...

Rosas de encanto, assetinadas flores,
 Nas mãos de Deus eternamente belas,
 Vós sois poesia, amor, eterna luz...

Setembro, 1950.

MENDES SIMÕES.

Rectificação:

Rectifica-se a primeira quadra do soneto "Maria da Esperança,":

Vem longe o sol e, em matinal horário,
 Esp'rança, a linda e tímida zagala,
 Lá corta a festa o Monte do Ladário,
 Com pé ligeiro, que ninguém iguala.

Nota Oficiosa DA PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

Pela Presidência do Conselho foi fornecida à Imprensa a seguinte nota oficiosa:

«Tendo passado juntos alguns dias em terras de Portugal e Espanha, o Chefe de Estado Espanhol, Generalíssimo Franco, e o Chefe do Governo Português, Dr. Oliveira Salazar, aproveitaram a oportunidade de examinar detidamente o presente momento internacional, em harmonia com as estipulações do tratado de amizade e não agressão de 1939 e protocolos adicionais.

Nas referidas conversações verificou-se perfeita concordância na apreciação da situação mundial, e reafirmou-se a convicção de que o leal e estreito entendimento entre Portugal e Espanha constitui sólida garantia da sua muita segurança, ao mesmo tempo que um exemplo de efectiva cooperação entre Nações.

MARIOLAS

Mostraram-nos, há dias, no órgão local da propaganda católica romana, um artigo em que se insinua, naturalmente dentro do mais puro e ortodoxo conceito da moral cristã, que os danos causados nuns canos das águas da cidade são devidos às ideias más que na má imprensa desta cidade foram, repetidas vezes e de mil maneiras, sugeridas aos delinquentes, como água mole que em pedra dura tanto dá que até fura... os canos.

Veio logo o «Comércio de Guimarães» carregar a parte e varrer a sua testada, lembrando que sempre se tem esforçado no combate contra a caligem que embaciava, em tempos felizmente já remotos, a luminosidade dos dias nefastos que então se passavam.

De forma que, por exclusão de partes, a má imprensa desta terra é o «Notícias de Guimarães», não podendo restar dúvidas de que o mal de Guimarães é fruto... deste sema-

nário. Pelo visto, nestas colunas e durante os últimos 20 anos, tem-se desenvolvido uma tão funesta acção, toda de mentira largamente variegada, que não seria tolerada sequer 20 dias se os nossos colaboradores — longe vá o agouro! — estivessem no poder!

E' claro que todas estas coisas se lêem com um encolher de ombros de comiseiração ou com um sorriso de desdém.

Os rapazes que partiram os canos é muito provável que nem saibam ler e desconheciam até a existência deste jornal; o que é pouco verosímil é que não vão à missa pelo menos aos domingos, que não tenham frequentado a igreja da sua freguesia, onde, sem dúvida, o padre lhes terá pregado a boa moral, usando apenas da verdade, em contraposição com a nossa mentira, e formando-os à sua semelhança, de espírito novo, em contraste com o espírito velho do tempo das bombas, dos arrombamentos, das espoliações, dos atentados, com o qual nós temos continuado a maléfica e deletéria acção que, mal avisadamente, nos tem sido permitida. Todavia, nunca nos passaria pela ideia que o acto estúpido dos que partiram os canos pudesse ser atribuído à educação cristã que os padres lhes tenham dado.

O disparatado das asserções a que nos estamos referindo é, pois, tão flagrante que não merecia que lhes ligássemos a mais ligeira atenção ou resposta; elas são tão ridículas como inanes.

Observam-nos, porém, e é verdade, que, no mesmo artigo, num rodeio em que, passando-se por Voltaire, Goethe, Byron, Sand, Tolstoi e Marx, se pretende atingir-nos, somos, sem a menor cerimónia, acusados de mariolas e de, à

A PENHA VISTA PELOS OUTROS

Paulo Freire visitou a Penha. Mais uma vez a viu, a observou, a descreveu. Quanto ao cenário, de monólitos e paisagem, reputou a Penha — «maravilha».

Se o vocábulo está certo, a Penha excede o vulgar. Está no superlativo do bom, do excepcional, do esplendoroso. «Maravilha»!

Só esta «maravilha» tem seus senões. Segundo Paulo Freire «já se podiam ter plantado mais árvores, desde a cidade até lá, e nos terrenos que circundam os hotiés e a nova Capela».

Com efeito, o plantio de árvores, está no pensamento dos empreiteiros turísticos da Penha. Eles têm plantado árvores. Paulo Freire, acha ainda pouco. Quer mais árvores, árvores frondosas, árvores de sombra amena. A árvore na Penha engrinalda a rocha. Dá amenidade ao local. A árvore, a rocha, a água, são os nunes tutelares da montanha sagrada. Todos, pois, de acordo.

Mais diz Paulo Freire: que achou a Penha mais «em ordem». Quere dizer: a Penha teve, aos olhos do jornalista, mudanças para melhor.

Na verdade, por pouco que se note de novo, algo de novo se encontra. Simplesmente, dada a posição económica das receitas turísticas, as estâncias como a Penha pouco podem fazer. O centralismo sufoca a iniciativa das parcas receitas locais. Uns tantos por certo das receitas gerais são captivas. Pertencem ao cofre central. São desviados para outras terras, para outras estâncias. Retiradas para onde a sapiência duma direcção geral entende. Ora isto, não está certo: Só prosperaria certo se as receitas locais do nosso turismo fossem superabundantes. Assim, sendo como são limitadas, não está certo que as surripiem. Des-

viarem essas receitas para outros lugares com prejuizo das estâncias que as produzem, é não só antipático como anti-administrativo. Briga com o nosso esforço bairrista, pelo que apetece gritar:

— Não nos deem nada, se assim o quereem, mas não nos tirem o que é nosso!

Paulo Freire volta à liça pelo meio de transporte para a Penha, escrevendo:

«A cidade e a Penha precisam de uma ligação barata, cómoda e rápida, como há entre Braga e o Bom Jesus, entre Viana e Santa Luzia».

E acrescenta em comentário:

«Dizem-nos que a Penha não tem movimento para um ascensor. Histórias!... Ponham lá o ascensor e verão se tem ou não tem movimento».

Em Guimarães estamos todos de acordo quanto ao estabelecer um meio de transporte colectivo para a Penha. Mas, por mal dos nossos pecados, não há sequer peito para resolver o simples expediente de uma carreira de camionete, com um horário conveniente ao interesse público.

Fraquezas da governança local! Homens dinâmicos não os temos. Contudo, já um dia o problema foi encarado com ciência e espírito resolutivo. Foi em 1914. Guimarães e Braga, pela acção dos respectivos presidentes das Câmaras Municipais tentaram ligar as duas cidades pela tracção eléctrica. Braga levava a sua linha até ao limite do concelho; Guimarães completava-a, trazendo a linha eléctrica até ao Tournal. Depois; em 2.ª etapa, a linha prosseguia. A aspiração máxima era a Penha. Trabalhos preliminares se fizeram neste sentido. Estava-se neste pé, quando por efeito dumas eleições

municipais tudo trambolhou. As iniciativas dos outros, as ideias dos outros, morrem quase sempre com os seus progenitores. Assim havia de suceder em 1914 com o problema da tracção eléctrica Braga-Guimarães-Penha.

Sangra o meu pezar, recordando estas coisas — que são águas passadas. A perseverança, a constância, a tenacidade que fazem o fulgor dos homens públicos, e o êxito da sua acção, estão sujeitos a uma condição suprema: — a oportunidade. O caso da ligação da Cidade à Penha, teve em 1914, uma oportunidade excelente. Deixaram-na perder. Hoje, o problema tem perspectivas económicas diversas. Não sendo insolúvel, tem, contudo, aspectos novos a enfrentar.

Entretanto, deem-nos um mínimo.

Ao menos uma camionete com horário e preços acessíveis, e já nos consideramos razoavelmente servidos.

Receio, porém, que a nossa geração não terá folgo para mais.

Venha esse mínimo, sequer. Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

MARIOLAS

(Continuação da 2.ª página)

nicação de grande interesse rural, a água de Vizela e das Taipas, o aformoseamento desta estância, a conservação em Guimarães do Tesouro da Colegiada e de outras preciosidades religiosas, grandes melhoramentos na luz pública e alargamento da sua zona, conclusão do edificio da cadeia há muitos anos abandonado e a demolição do antigo, já desde há mais de 2 séculos atrás, reconhecido impróprio, o abastecimento de água a certos subúrbios da cidade, os cuidados com o abastecimento da cidade e concelho em épocas críticas, os novos Paços do Concelho e a abertura e lançamento do bairro das Hortas, prolongando-se a cidade numa grande extensão na direcção leste, o estudo completo e pronto a ser executado de uma ampla avenida marginada de lindos prédios de rendas acessíveis às classes médias e de ruas afluentes com 9 modelos de habitações para as classes mais pobres; o arranjo do Campo da Feira e o largo da Oliveira aliviado de tanques e grades, o Internato Municipal, o material em ferro para a instalação, o que já se iniciava, do alpendre do Toural, o estudo, as combinações com Braga e o contrato pronto a ser assinado com a casa fornecedora do material para a viação eléctrica que ia ligar a Penha ao Bom Jesus de Braga, o estudo preliminar do saneamento da cidade, o projecto do Parque do Castelo, a criação do Turismo da Penha; tudo isto e o mais que nos terá esquecido, poderá ser de somenos importância para o muito que nos cumpriria promover, poderá ser errado e sujeito a críticas, mas o que não é, com certeza, é fundamento que justifique a injúria de nos classificarem de mariolas.

Fizemos sempre uma política de tolerância e conciliação esquecendo, muitas vezes, afrontosos agravos, insultos soezes, para receber, com delicadeza e sem recriminações, e atender, na medida que nos era possível, todos os adversários que apelaram para o nosso espirito de justiça e moderação; que o digam, por exemplo, se lhes sobra nobreza para tanto: certa imprensa local que ainda hoje não perde ensejo para nos agredir e que, por mais de uma vez, teria sossobrado sem a nossa solicitada intervenção; certos altos funcionários que não gozariam hoje das mais rendosas, honrosas e prestigiantes situações se não tivéssemos impedido, a tempo, que a carreira lhes fosse cortada; que digam, também, se alguma vez nos queixamos ou demos qualquer sinal de nos aperceber de que, como reconhecimento da nossa generosidade não cumprissem desde então para connosco sequer os mais elementares preceitos de cortesia e boa educação. Será isto ser mariola?

Não era com certeza essa a opinião do falecido Arcipreste Padre João Ribeiro quando firmava connosco importantes combinações de carácter político e manifestava em documentos escritos, que ainda existem, o seu apreço e consideração pela correcção e lealdade com que esses acordos eram por nós respeitados, nem, tampouco, a do anterior arcebispo de Braga quando ia pessoalmente deixar a casa do presidente da Câmara de então o seu bilhete de visita, como desagravo ou repulsa por manifestações de discórdia que tinham tentado no dia anterior apear-lhe a casa, para maior

realce dos seus pretensos pruridos de católicos ferventes.

Nem dos cônegos António da Silva Ribeiro e José Maria Gomes e Padres António Hermanno e Alfredo da Silva Correia que connosco colaboraram e nos honraram sempre com a mais penhorante estima, nem, para citar um profano, aliás, nosso fegoso adversário do tempo das encarniçadas lutas do período sidonista, o saudoso e valente Major Alberto Margaride que, até aos últimos momentos da sua vida, nos deu provas, que, também, ainda existem, do seu grande respeito e admiração pela inteireza do nosso carácter e nobreza das nossas intenções.

De igual opinião também não devem ser, embora se precatem hoje de o dar a perceber, os descendentes de armoriados titulares, antigos militantes de partidos adversos, que, por vicissitudes da vida, se viram na necessidade de recorrer ao trabalho e foram por nós acolhidos e atendidos, quem sabe se, às vezes, preterindo outros concorrentes com fortes protecções de correligionários dignos da maior estima.

A quem fizemos mal? A quem prejudicamos? Onde estão as bombas e os arrombamentos e os assaltos? Quais as prevaricações no serviço público? Quais as deshonestidades?

Mariolas?!... Temos pena daqueles que no-lo chamam porque não sabem o que dizem; mas deles, segundo os princípios, necessariamente justos, da religião que professam, será o reino dos Céus! Incoerências deste mundo e... e do outro.

M.

Cooperativa Operária de S. Martinho de Candoso

Com Sede no Lugar de Carramão, Freguesia S. Martinho de Candoso, Concelho de GUIMARÃES

Faz-se público que, por escritura de 18 de Julho de 1950, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, no meu livro de notas N.º 438 a Folhas 80 e seguintes, foi constituída uma sociedade sob a denominação de **Cooperativa Operária de S. Martinho de Candoso**, sociedade cooperativa de responsabilidade limitada, com sede no lugar de Carramão, freguesia de S. Martinho de Candoso, concelho de Guimarães, com o capital social variável, do mínimo de 5.000\$00, o qual é representado por acções nominativas de 100\$00 cada uma que só poderão ser transmitidas com autorização da Direcção, a qual se destina a toda e qualquer actividade no sentido de proporcionar aos seus associados melhores condições económicas, nomeadamente de produção, consumo, recreio e habitação, podendo ser admitidos como sócios todas as pessoas morais e os indivíduos de ambos os sexos, maiores de dezasseis anos que forem propostos por outros sócios e mereçam ser aprovados pela Direcção.

Secretaria Notarial de Guimarães, 20 de Setembro de 1950.

O Notário, 443

Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

VENDE-SE

Moinho de café, manual, em bom estado e preço.

Também se vende estantaria de madeira, em bom estado de conservação. Informa-se nesta redacção.

CARTA de VIZELA

Ainda o Rallye

Disse já a grande Imprensa o que foi o acontecimento, a realização do 1.º Rallya a Vizela.

Marcou como assistência, brilhou como prova desportiva e demonstrou a capacidade de boas organizações da Comissão de Turismo desta vila.

O restante ou seja a pontinha de má vontade, desaparece, morre contra a quantidade das afirmações magníficas dos nossos numerosos visitantes, e a Comissão merece bem o agradecimento de toda a população, pois domingo Vizela viveu horas de tal movimento que a todos recordou as épocas de 1920 a 1950.

Nada faltou: ordem, movimento, alegria e um fim com chave de ouro, com o jantar à americana no Hotel Sul-Americano, que esgotou todas as mesas e foi magnificamente servido. Grande dia o de domingo passado!

Desporto

Volta a estar em perigo a vida do F. C. de Vizela, motivado pelo elevado preço que o actual proprietário do campo de jogos obriga a pagar de arrendamento.

Pobre Futebol C. de Vizela. Nasceu em fracas palhas e mesmo que continue a ter alguns dedicados amigos, esses não lhe podem continuar a dar vida.

Será possível que a Associação de Braga deite a mão a um dos seus filiados que caiu?

Pobre e infeliz clube. Não seria justo que a Ex.ª Câmara desse uma ajuda conveniente ou até se possível comprar o campo?

Fadário triste o deste clube. Assim, só lhe restará morrer e dar por finda a sua nobre missão.

A mocidade fará outras práticas sem desporto, mais práticas para o mau, para o vício a mal dos homens de amanhã. Fraco destino o do Futebol C. de Vizela.

Mas lá diz o ditado: é o destino de cada um. Nasceu para viver o bom nome de Vizela, mas, infelizmente, por falta de auxilio, morre e morre rapidamente.

Seja feita a vontade dos homens.

C.

Anúncio

Faz-se público que por escritura de 18 de Julho de 1950, lavrada no livro de notas n.º 562 a fls. 91 e seguintes, do notário da Secretaria Notarial de Guimarães, B.º Ernesto Ramos Faisca, foi dissolvida a sociedade Castro & Sequeira, Limitada, com sede no lugar da Amorosa, freguesia de Azurém, deste concelho, e que desta sociedade faziam parte como sócios João Maria Martins Sequeira Braga, casado, industrial, morador nesta cidade e Gabriel Pereira de Castro, casado, proprietário, morador no lugar de Paço Vieira, freguesia de Mesão Frio, deste concelho tendo ficado liquidatário o sócio Gabriel Pereira de Castro.

Guimarães, 22 de Setembro de 1950.

O Ajudante da Secretaria Notarial, 439

Martinho da Silva.

VENDEM-SE 5 teares manuais com máquina Jacquard, 1 urdeadeira horizontal, licença condicionada para algodão, seda, linho e mistos, licença para tinto e vários utensílios. Informa-se nesta Redacção. 436

Explicações Pessoa devidamente habilitada e com muita prática lecciona a meninos e meninas para Liceu. Curso Comercial e Industrial. Exames de admissão ao Liceu e Curso Comercial. Exames para o 1.º e 2.º graus de Instrução Primária. Pedir informações nesta Redacção, telefone n.º 4313. 434

FOGÃO EM BOM ESTADO

Vende-se circular, com 2 fornos, para assar, com duas estufas, serpentina e cilindro em cobre para água quente, próprio para Hotel, Pensão ou casa de movimento.

Falar a José Rodrigues — Travessa dos Bimbais — Guimarães. 428

Amadeu & Gonçalves, Limitada

Com Sede no Lugar do ALTO DA RIBEIRA

Lordelo - Guimarães

Faz-se público que, por escritura de 4 de Outubro de 1949, lavrada na Secretaria Notarial de Guimarães, por mim notário no meu livro de notas n.º 434 a folhas 24 verso e seguintes, foi constituída uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, entre Amadeu da Costa, casado, empregado comercial, morador no lugar e freguesia de Riba d'Ave, comarca de Vila Nova de Famalicão e Joaquim Gonçalves, casado, comerciante, morador no lugar do Alto da Ribeira, freguesia de Lordelo, desta comarca, cujo pacto social é o seguinte:

Primeiro

A sociedade adopta a firma Amadeu e Gonçalves, Limitada, e tem a sua sede no dito lugar do Alto da Ribeira.

Segundo

O seu objecto é o fabrico de pão de milho, ou qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

Terceiro

A sua duração é por tempo indeterminado e o seu início é a contar de um de Janeiro próximo.

Quarto

O capital social, já inteiramente realizado em dinheiro é de cinco mil escudos, representado por duas cotas de dois mil e quinhentos escudos, pertencentes a cada um dos sócios.

Quinto

Não serão exigíveis prestações suplementares, mas os sócios poderão fazer à sociedade os suprimentos que ela carecer, à taxa de juro e mais condições que sejam acordadas pelos sócios.

Sexto

A cessão de cotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade, sendo livremente consentida entre os sócios.

Sétimo

A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente por ambos os sócios, que ficam sendo gerentes com dispensa de caução; mas para que a sociedade fique obrigada é necessário que os respectivos actos sejam assinados por ambos os sócios.

Oitavo

Os lucros e perdas serão suportados em partes iguais por ambos os sócios.

Nono

Os balanços serão fechados no dia trinta e um de Dezembro de cada ano.

Décimo

As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência.

Décimo Primeiro

A morte ou interdição de qualquer dos sócios não importará a dissolução da sociedade que subsistirá com os herdeiros ou representante do sócio falecido ou interditado, representados aqueles por um só que entre si nomearem.

Décimo segundo

Em todo o omissis regularão as disposições legais aplicá-

Visitem a exposição, hoje,

DOS ARTIGOS DE INVERNO

NOS **ARMAZÉNS CARMELO**

48, Largo 28 de Maio, 50 (próximo às escadinhas)

O MELHOR SORTIDO AOS MELHORES PREÇOS EM: Lanifícios, tecidos de lã, seda e algodão, atalhados, colchas, cobertores, guarda-sóis, Camisaria, Gravata, Perfumarias, Malhas e Miudezas.

FAÇAM AS SUAS COMPRAS NOS **ARMAZÉNS CARMELO**

EDITAL

Eleições das Juntas de Freguesia

João Maria Rodrigues Martins da Costa, Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

Faço saber, no uso da competência que me confere o § 1.º do Art. 230.º do Código Administrativo, que designo o dia 15 do mês de Outubro do corrente ano, para a realização das eleições das Juntas de Freguesia deste Concelho, pelos Chefes de Família inscritos nos respectivos recenseamentos, nos locais e horas a indicar oportunamente e nos termos do disposto no Art. 235.º do citado Código, pelos Presidentes das referidas Juntas.

Para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu João das Neves, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal, o subscrevi.

Paços do Concelho, 22 de Setembro de 1950.

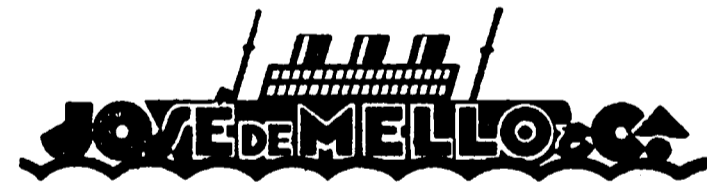
441

O Presidente da Câmara Municipal,

João Maria Rodrigues Martins da Costa.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21075 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

Motores VAP para bicicletas
Esmagadores - Pressas
Ferramentas e alfiás agrícolas
AOS MELHORES PREÇOS
L. NUNES PINTO
À FEIRA DO PÃO

ATENÇÃO!

Casa particular de respeito aceita estudantes meninas ou meninos. Esta Redacção informam. 414

ARMAS DE CAÇA NOVAS

Vende com facilidades de pagamento (11 prestações)

DAS ACREDITADAS MARCAS Sarraqueta — Ugartechea — Arrieta, etc.

O Armeiro, 444

Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas.

Sapataria Oliva

Rua de Santo António, 48-54 GUIMARÃES

Esta casa acaba de receber um grande sortido de Calçado de Agasalho em todos os géneros e aos melhores preços.

Alvarás Compram-se 2 alvarás que tenham as seguintes características:

Tear mecânico com a largura de pente 2,35 liso. Informa esta Redacção. 445

ARMAS DE CAÇA NOVAS

Vende com facilidades de pagamento (11 prestações)

DAS ACREDITADAS MARCAS Sarraqueta — Ugartechea — Arrieta, etc.

O Armeiro, 444

Umberto G. Pinheiro GUIMARÃES 411